

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Campus Litoral
Curso de Graduação em Geografia

Marcia Marlize Guse Fão

**Herói: mito, simbolismo e/ou interesse
Uma análise geo/histórica.**

Seberi
2022

Marcia Marlice Guse Fão

Herói: mito, simbolismo e/ou interesse. Uma análise geo/histórica.

Trabalho de conclusão de curso como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia (modalidade EAD) do Campus Litoral da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Lucas Manassi Panitz

Seberi

2022

Guse Fão, Marcia Marlize
Herói: mito, simbolismo e/ou interesse - Uma
análise geo/histórica. / Marcia Marlize Guse Fão. --
2022.
45 f.
Orientador: Lucas Manassi Panitz.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Geografia, Tramandaí,
BR-RS, 2022.

1. Herói. 2. Mito . 3. Simbolismo. 4. Geografia. I.
Manassi Panitz, Lucas, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Marcia Marlize Guse Fão

Herói: mito, simbolismo e/ou interesse. Uma análise geo/histórica.

Trabalho de conclusão de curso como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Geografia do Campus Litoral da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Lucas Manassi Panitz

BANCA EXAMINADORA:

Dr. Lucas Manassi Panitz (orientador)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Rejane Kalsin
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

André dos Santos Baldraia Souza
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico este trabalho a todos os que me ajudaram ao longo desta caminhada. À minha família, que tanto admiro, dedico o resultado do esforço realizado ao longo deste percurso. Foi pensando nas pessoas que possuem curiosidade nas áreas de Geografia e História que executei este projeto, por isso dedico este trabalho a todos aqueles a quem esta pesquisa possa ajudar de alguma forma.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Professor Lucas Manassi Panitz por ter aceitado acompanhar-me neste projeto.

Aos professores do curso de Geografia da UFRGS que me forneceram as bases necessárias para a realização deste trabalho, agradeço com profunda admiração pelo vosso profissionalismo.

Agradeço especialmente meu esposo Ivonei Cláudio Fão e minha filha Karolainy Guse Martins pelo apoio ao longo do curso e por terem me incentivado a continuar apesar das adversidades.

“Entendemos por geografia “heróica” aquela compreensão da terra em que o espaço geográfico é considerado como um espaço a descobrir, apelo à aventura, ampliação da morada terrestre fixada pela tradição e pela vida em grupo. Ela abarca de fato, dois aspectos bem diferentes: é obra do “herói”, personagem meio fabuloso meio histórico, se produzindo na atmosfera da “fábula”, em um mundo legendário em que se exaltam as virtudes viris, conquistadoras. Mas ela entra mais plenamente no horizonte de uma consciência histórica, quando essa geografia se torna “heróica” pelos riscos assumidos, pelo espírito corajoso e empreendedor.”

(Eric Dardel)

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema: Herói: mito, simbolismo e/ou interesse. Uma análise geo/histórica. Nosso objetivo é investigar o processo de construção da identidade do herói e sua perpetuação nos diferentes povos, culturas e espaços geográficos, bem como, os mitos, simbolismos e/ou interesses explícitos neste processo de escolha. Assim, nossa pesquisa fundamenta-se em estudo bibliográfico, tendo em vista a temática escolhida a qual trata da construção do personagem heróico. Partimos do pressuposto de que, o homem é um ser social, portanto não age isoladamente, mas no conjunto da sociedade. Desta forma, a construção do herói não acontece sem que haja certa sintonia entre o ser heroificado e o coletivo.

Palavras-chave: Herói, mito, simbolismo.

ABSTRACT/RESUMEN/RÉSUMÉ

The theme of this research is: Hero: myth, symbolism and/or interest. A geo/historical analysis. Our objective is to investigate the construction process of the hero's identity and its perpetuation in different peoples, cultures and geographic spaces, as well as the myths, symbolisms and/or explicit interests in this choice process. Thus, our research is based on a bibliographical study, in view of the chosen theme, which deals with the construction of the heroic character. We start from the assumption that man is a social being, therefore he does not act in isolation, but in society as a whole. In this way, the construction of the hero does not happen without a certain harmony between the heroic being and the collective.

Keywords/Palabras-clave/Mot-clés: Hero, myth, symbolim

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 TEORIZANDO SOBRE SIMBOLISMO, MITO, HERÓI E ESPAÇO	11
2.1 SIMBOLISMO E MITO	11
2.2 O MITO, O HERÓI E O ESPAÇO	13
3 A CONSTRUÇÃO DO HERÓI EM DIFERENTES TEMPOS HISTÓRICOS E ESPAÇOS GEOGRÁFICOS	21
3.1 O HERÓI NO CAMPO SOCIAL E DA RELIGIOSIDADE	21
3.2 OS MOVIMENTOS MESSIÂNICOS E A MITIFICAÇÃO DE LÍDERES SOCIAIS	24
3.3 O HERÓI NO CAMPO DA POLÍTICA	28
4 A PERPETUAÇÃO DO HERÓI	34
4.1 A AÇÃO SIMBÓLICA NO COTIDIANO	34
4.2 A MODERNIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO DE HERÓIS	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se assenta no propósito de investigar o processo de construção da identidade do herói e sua perpetuação nos diferentes povos e culturas, bem como, os mitos, simbolismos e/ou interesses explícitos ou implícitos neste processo de escolha, tendo em vista não apenas a historicidade do fato mas também o espaço geográfico como palco de todas as vivências humanas.

A leitura da sociedade, facultada a partir das relações pessoais e interpessoais nos levam a ver o espaço geográfico como “uma das variáveis capazes de tornar o indivíduo membro de uma sociedade” (NAVARRO, 2007, p. 47), onde estão presentes fatores sociais, políticos, econômicos, etc. Porém deter-se a estes fatores tornaria a leitura social técnica e supérflua, já que esta abrange uma série de outros aspectos de igual relevância.

Neste sentido, o objetivo geral deste trabalho é formular um arcabouço teórico que permita analisar a construção do herói, sob a perspectiva geo/histórica. Como objetivos específicos temos: compreender algumas teorias sobre simbolismo, mito, herói e espaço; analisar a construção do herói em diferentes tempos históricos; reconhecer a perpetuação do herói no tempo e no espaço.

Para estudarmos as relações humanas, partimos do pressuposto de que, o homem é um ser social, portanto, não age isoladamente, mas no conjunto da sociedade. Desta forma, a construção do herói, não acontece sem que haja certa sintonia entre o ser heroificado e coletivo.

A dinâmica da coletividade manifesta-se de diferentes formas entre os povos e culturas. Os arquétipos (sonhos, temores, experiências...) de um povo, devem ser expressos de alguma maneira. Surgem então diferentes formas de explicá-los podendo ser através da mitologia, do simbolismo ou de ideologias. Considerando a diversidade de concepções que existem sobre o assunto, no caso, a construção identitária do herói, torna-se relevante o estudo e a compreensão de algumas formas explicativas de alguns conceitos, sob o viés histórico e também geográfico.

No processo de construção do saber histórico, encontram-se diferentes linhas de pesquisa, bem como, diferentes versões sobre determinados fatos. Encontra-se também o que poderíamos chamar de manipulação oculta de interesses. Os processos de manipulação da constituição do saber histórico, manifestado nos mais

variados níveis, pode ser constatado a partir da tomada de consciência da construção do fato (quem e porque escreveu) e da não inocência do documento. Desta forma questionamos os porquês da construção de personagens de cunho heróico, e qual a relação destes com a realidade vivida, bem como, se este processo de alguma forma contribui para ocultar a subjetividade e as contradições entrelaçadas nos acontecimentos históricos e espaços geográficos.

Tendo em vista o território como palco onde ocorrem as ações humanas e sociais, bem como, as relações de poder que o permeiam, decidimos incluir a discussão ideológica e espacial envolto na construção do herói sob o viés geográfico.

A pesquisa fundamenta-se em estudo bibliográfico, tendo em vista a temática escolhida que necessita de estudo e revisão em fontes bibliográficas já existentes sobre a temática. Para tal, serão consultados livros, periódicos, revistas e artigos. É importante destacar que este trabalho não visa a análise de um tipo específico de herói, mas de sua formulação a partir do viés geo/histórico. Com isso, uma vez construída uma base teórica de análise, poderá haver futuramente um aprofundamento empírico, em casos específicos.

Para alcançar o objetivo proposto organizou-se o estudo em três capítulos. O primeiro capítulo trata das construções teóricas sobre os termos herói, mito, simbolismo e espaço. O segundo capítulo refere-se ao herói em diferentes tempos históricos e espaços geográficos, procurando demonstrar suas peculiaridades nos campos político, social e religioso. O terceiro capítulo diz respeito à perpetuação do herói através dos tempos. Para isso buscamos relacionar o simbolismo popular e sua intervenção no cotidiano, bem como, mostrar as modificações e a modernização que envolve a construção do personagem heróico. Por fim, realizamos considerações finais sobre o trabalho realizado.

2 TEORIZANDO SOBRE SIMBOLISMO, MITO, HERÓI E ESPAÇO

Não há como falar de heróis sem falar em mito e simbolismo. o estudo e o entendimento do que seja o mito, não pode ser tratado como algo estável e paralisado no tempo e no espaço, porque este desloca-se de maneira atemporal, modificando-se de acordo com a sociedade que o narra. Da mesma forma que o símbolo pode surgir como resultado de um processo natural ou pode ser convencionado de modo a que o receptor (uma pessoa ou grupo específico de pessoas) consiga fazer a interpretação do seu significado implícito e atribuir-lhe determinada conotação. Pode também estar mais ou menos relacionado fisicamente com o objeto ou a ideia que representa, podendo não só ter uma representação gráfica ou tridimensional como também sonora e gestual.

2.1 SIMBOLISMO E MITO

Tendo em vista a construção da figura do herói, buscamos neste item entender como o símbolo é utilizado na construção do mito.

O termo símbolo, de origem grega (*sýmbolon*), designa um elemento representativo que está (realidade visível) em lugar de algo (realidade invisível) que tanto pode ser um objeto, um conceito ou ideia, determinada quantidade ou qualidade. O “símbolo” é um elemento essencial no processo de comunicação, encontrando-se difundido pelo cotidiano e pelas mais variadas vertentes do saber humano. Embora existam símbolos que são reconhecidos internacionalmente, outros só são compreendidos dentro de determinado grupo ou contexto (religioso, cultural, etc.)

Carl G. Jung, cita um exemplo bem claro de como o simbolismo está presente em nosso cotidiano,

[...] há um exemplo surpreendente e que deve ser familiar a todos os que nasceram numa sociedade cristã. No natal, manifestamos a emoção íntima que nos desperta o nascimento mitológico de uma criança semi-divina, apesar de não acreditarmos necessariamente na doutrina da imaculada concepção de Maria ou de possuímos qualquer crença religiosa. Sem o saber sofremos a influência do simbolismo do renascimento. São remanescências de uma antiquíssima festa de solstício que exprime a esperança de que se renove a esmaecida paisagem de inverno do hemisfério norte. Apesar de toda a nossa sofisticação, alegremo-nos com esta festa

simbólica da mesma forma com que, na Páscoa, nos juntamos aos nossos filhos no ritual dos ovos de Páscoa ou dos coelhos. (JUNG, 2008, p.104).

De acordo com o Dicionário de Etimologia da Língua Portuguesa, a palavra “Mito” (deriva do grego mytho) surgiu em nossa língua em 1858, e se trata de uma

[...] narrativa, geralmente de origem popular, sobre seres que encarnam simbolicamente as forças da natureza, aspectos da condição humana, fábula, representação idealizada de um estado da humanidade em um passado remoto ou num futuro fictício, coisa inacreditável, sem realidade. (CUNHA, 2007, p. 208).

Os mitos surgem através de relatos orais que unidos formam um corpo, ou seja, o próprio mito. O mito é uma forma de relato tradicional estruturado em uma sequência de ações executadas por seres antropomórficos. Com suas raízes na tradição oral, era a forma mais difundida no mundo antigo de falar dos deuses. Mircea Eliade diz que o mito se torna fruto desses relatos orais, designando uma “história sagrada que realiza uma narrativa iniciada em tempos primordiais, manifestando uma realidade que passa a existir”. (ELIADE, 2006, p. 11).

O mito é o resultado de uma memória que ritualizando acontecimentos e costumes realiza a união entre mito e memória, podendo ser modificado para atender aos anseios e as necessidades do grupo onde ocorre a sua formulação. Carl G. Jung em “Os arquétipos e o inconsciente coletivo”, sugeriu que “pode existir um inconsciente coletivo, ou seja, os mitos seriam como sonhos de uma sociedade inteira, o desejo coletivo de uma sociedade”. (JUNG, 2000, p.32).

De encontro a isso, o autor Dardel no livro “O homem e a terra: natureza da realidade geográfica” trás o aspecto qualitativo do espaço geográfico envolto na estruturação dos mitos e do universo mágico que permeava o imaginário das sociedades primitivas, antigas e até medievais, onde, geralmente, a sobrevivência ou, a fonte desta, normalmente a terra era um elemento poderoso. Ele diz que:

Nas sociedades ditas primitivas e na maior parte das sociedades antigas e medievais, a ligação do homem com a terra recebeu, na esfera espaço-temporal do mundo mágico-mítico, um sentido essencialmente qualitativo. A geografia é mais que uma base ou um elemento. Ela é um poder. Da terra vem as forças que atacam ou protegem o homem, que determinam sua existência social e seu próprio comportamento, que se misturam com sua vida orgânica e psíquica, a tal ponto que é impossível separar o mundo exterior dos fatos propriamente humanos.(DARDEL, 2011, p. 48).

Os mitos são reinventados de maneira constante e perceptível, sendo esta característica a responsável pela sua propagação e manutenção ao longo do tempo. Campbell em “O herói de mil faces” nos diz que:

[...] em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos tem sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos. Não seria demais considerar o mito a abertura secreta através da qual as inexauríveis energias do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas. As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia e os próprios sonhos que povoam o sono surgem do círculo básico e mágico do mito”. (CAMPBELL, 2007, p.6).

Entendemos assim que a construção do mito não é algo rápido e fácil, mas reflete trabalho simbólico diretamente vinculado com o imaginário, realizando uma contraposição entre fantasia e realidade, na qual o mito torna-se representação do real. Podemos dizer para fins deste estudo que entendemos mito como uma construção coletiva de costumes e práticas. Costumes e práticas que ao serem realizados e/ou seguidos como referência tornam-se modelo tradicional. O mito não é apenas um modo pragmático de compreensão ou imposição privilegiadora da sociedade moral, mas assume caráter funcionalista ao fundamentar os usos e normas básicos de convívio, buscando torná-las necessárias perante a sociedade em que foi cunhado.

2.2 O MITO, O HERÓI E O ESPAÇO

Após a reflexão sobre o simbólico e sobre a importância do imaginário coletivo na construção do mito, buscamos compreender como o mito é personificado.

Inicialmente pode-se dizer que a história e a literatura tiveram um papel significativo na construção dos heróis. Vejamos: a literatura ocidental deve seus primeiros passos às narrativas deixadas sobre os feitos extraordinários dos heróis gregos e depois romanos, como também, em seguida, pelo registro da vida e do pensamento dos homens sábios daquela época. Eliade faz um panorama da evolução da escrita e da relação que esta tem com a perpetuação do conhecimento através dos tempos, ela diz que:

[...] a historiografia começou na Grécia, com Heródoto. Heródoto explica por que escrever a história: a fim de que a façanha dos homens não se perdesse no curso dos tempos. Ele queria conservar a memória dos atos gregos e dos bárbaros. Outros historiadores da antiguidade escreveram suas obras com base em mitos e heróis como o poder e o uso desse poder. Tucídides, por exemplo, para ilustrar a luta pelo poder, traço característico, segundo ele, da natureza humana; Políbio, para mostrar que toda a história do mundo converge para o império romano, e também para que a experiência adquirida mediante o estudo da história constitui a melhor introdução à vida; Tito Lívio, para descobrir na história “modelos para nós e para o nosso país” e assim por diante. (ELIADE, 2006, p.119).

Foi neste sentido, nas obras e no pensamento deixado pelos gregos e pelos romanos que a cultura escrita desde então se afirmou. Os livros “Odisséia” e “A Eliada” fazem parte dos pilares em que se sustentam a literatura ocidental. Juntos perfazem mais de 27 mil versos. De certo modo não são senão duas grandes biografias constituídas com a função de enaltecer o herói para celebrar o homem extraordinário, cujos predicados incomuns os colocam muito acima dos demais. Aquiles, o guerreiro imbatível, possuía, com exceção do seu calcanhar, um corpo imune aos ferimentos, enquanto Ulisses, o rei de Ítaca, personificava a astúcia e a coragem exemplar dos marinheiros gregos. Esta mesma obra demonstra a preocupação com a descrição do espaço geográfico onde ocorrera os fatos narrados, não apenas como forma de “mapear”, mas de demonstrar poder a partir das conquistas territoriais realizadas, onde a figura do herói era tida como indispensável.

O uso do mito no tempo fabuloso do princípio aparece como uma história sagrada, pois trata da existência de entes sobrenaturais e da ligação dos seres humanos com divindades. Na sociedade contemporânea, o mito divinizado torna-se cada vez menos fabuloso. Fala-se menos em deuses ou deusas e procura-se personagens humanos para assumir papéis de relevância na sociedade. O herói divino agora assume a sua forma humana. Borges, afirma que por mais que haja uma transformação na forma de ver o mito este, “não vai, evidentemente desaparecer”, mas que “o mito continua até hoje em quase todas as manifestações culturais, mas não como a única forma de explicação da realidade, e sim paralelamente a outras formas de explicação, como a história”. (BORGES, 1980, p.17).

Quanto mais se abandona os mitos e divindades e se valoriza os feitos humanos, principalmente a partir da concepção da aristocracia, do “bem-nascido”, segundo Dardel, surge a chamada geografia legendária, onde os feitos do “nobre e

do chefe, tem um destino excepcional voltado à audácia e à aventura”. (DARDEL, 2011, p. 75). Este mesmo autor afirma que apesar destas transformações:

Essa geografia permanece também a serviço das representações mágico-míticas. Além de falar dos combates contra os monstros, hidras, serpentes, dragões, manifestações do poder cósmico, é necessário lembrar aqui que certos temas geográficos, legados pelo mundo mítico, continuam a frequentar a imaginação geográfica, aquela dos próprios aventureiros, dos narradores e dos ouvintes. Seja estimulando o interesse dos viajantes, seja, ao contrário, freando a exploração, esses relatos determinam, em grande medida, a história da geografia. (DARDEL, 2011, p. 75).

Quando a civilização passa do ponto de vista mitológico para o secular, as velhas imagens-chave deixam de ser aprovadas e sentidas como antes. Os heróis (semi-deuses) são reduzidos a personagens cívicos ou de obras literárias. Muitos mitos são reinterpretados para servirem às necessidades da sociedade contemporânea. Campbell, em “O herói de mil, faces”, apresenta a relação do mito com a sociedade e diz que:

[...] as linhas gerais dos mitos e contos estão sujeitas a danos ou ao obscurecimento. As características em geral são eliminadas ou reprimidas. Os elementos importados são revisados para se adequarem à paisagem, aos costumes ou às crenças locais e, no processo, sempre saem prejudicados. Além disso, no sem-número de recontagens de uma história tradicional, é inevitável a ocorrência de distorções acidentais ou internacionais. Para dar conta de elementos que se tornaram, por esta ou aquela razão, sem sentido, são inventadas interpretações secundárias, muitas vezes com uma habilidade considerável. (CAMPBELL, 2007, p.134).

Com a evolução ocorrida no sentido de deixar para trás o herói dos tempos primordiais substituindo-o por heróis humanos. Campbell escreveu algumas etapas desta evolução,

[...] em primeiro lugar passamos das emoções imediatas do Criador Incruido para personagens, fluidas e não obstante intemporais, da idade mitológica; em segundo, passamos desses Criadores Criados para esfera da história humana. As emoções se condensam; o campo da consciência sofreu uma constrição. Onde antes eram visíveis corpos causais, ora entram em foco, na pequena pupila teimosa do olho humano, seus efeitos secundários. O ciclo cosmogônico deve prosseguir agora, por conseguinte, não pela ação dos deuses, que se tornaram visíveis, mas pela dos heróis, de caráter mais ou menos humano, por meio dos quais é cumprido o destino do mundo. Chegamos ao ponto no qual os mitos de criação passam a ceder lugar à lenda - tal como no Livro do Gênesis, depois da expulsão do Paraíso. A metafísica é substituída pela pré-história, que é vaga e indistinta a princípio, mas aos poucos exhibe precisão de detalhes. Os heróis tornam-se cada vez menos fabulosos, até que, nos estágios finais das várias tradições locais, a

lenda se abre à luz comum cotidiana no tempo registrado. (CAMPBELL, 2007, p.160).

No dicionário Luft, da Língua Portuguesa, o termo herói é definido como um homem notável pelos seus feitos, pela valentia, protagonista de obra literária, de história de aventura, de filme etc. (LUFT, 2003, p. 367). Assim como no dicionário há uma conotação específica para o termo herói, há várias outras formas de descrevê-lo. Campbell, com seus estudos de mitologia na obra “O Heróis de mil faces”, identificou os passos da “jornada mítica do heróis”, como “uma espécie de história oculta dentro de todas as histórias, um esquema narrativo que estaria presente em quase todas as grandes histórias contadas pelos seres humanos” (CAMPBELL, 2007, p. 29), desde os mitos de criação, passando pelos contos de fadas e chegando até os que arrasam quarteirões de Hollywood.

O termo herói originalmente designa o protagonista de uma obra narrativa ou dramática. De origem grega “heros”, é uma figura arquetípica que possui os atributos necessários para superar um determinado problema de forma excepcional. Carl G. Jung em “O homem e seus símbolos”, diz que:

[...] o mito do herói é o mais comum e o mais conhecido em todo o mundo. Encontramo-lo na mitologia clássica da Grécia e de Roma, na Idade Média, no Extremo Oriente e entre as tribos primitivas contemporâneas. Aparece também em nossos sonhos. Tem um poder de sedução dramática flagrante e, apesar de menos aparente, uma importância psicológica profunda. São mitos que variam muito nos seus detalhes, mas quanto mais os examinamos mais percebemos o quanto se assemelham na estrutura. Isto quer dizer que guardam uma forma universal mesmo quando desenvolvidos por grupos ou indivíduos sem qualquer contato cultural entre si como, por exemplo, as tribos africanas e os índios norte-americanos, os gregos e os incas do Peru. Ouvimos repetidamente a mesma história do herói nascido humilde, mas milagroso, provas de sua força sobre-humana precoce, sua ascensão rápida ao poder e à notoriedade, sua luta triunfante contra as forças do mal, sua falibilidade ante a tentação do orgulho (hybris) e seu declínio, por motivo de traição ou por um ato de sacrifício “heróico”, onde sempre morre. (JUNG, 2008, p. 106).

A História desde seus primórdios possui vários tipos de heróis. Flávio René Kothe explica em seu livro “O Herói” que a sociedade se constitui por classes: alta e baixa. Coloca, ainda, que as mesmas refletem na literatura o modo de ser dos personagens e nos enredos, à hierarquia dos gêneros e das obras. Segundo o autor, nas narrativas dominantes, ditas altas há sempre a presença do herói como derivado dos gêneros trágicos e épicos. Em contrapartida, nos dominados, os ditos baixos, temos a figura do herói baixo ou do anti-herói, próprio da classe popular e resultante dos gêneros cômicos e satíricos. Kothe especifica os seguintes tipos de herói:

primeiro, “o herói clássico que são os heróis da classe alta, que procuram demonstrar a “classe” desta classe”. (KOTHE, 2000, p. 12); em segundo lugar, coloca o “herói trágico, que é retratado na tragédia e situa-se entre os deuses e o homem”; em terceiro plano aborda o herói “picaresco que advém de pícaro, que personagem com características daquilo que hoje chama-se malandragem, beira o trágico e se assume como um épico as avessas”; sua quarta abordagem refere-se ao “herói nacional” que é o “personagem da história de um povo que lutou em prol de seus cidadãos e praticou atos de auto-sacrifício pelo seu país e trabalhou em um grande feito no campo de batalha ou ainda numa força de trabalho”. Percebe-se que mesmo Kothe tratando dos tipos de abordagem feitas sobre os heróis em obras literárias, estas se aproximam muito da forma com que esta temática é abordada tanto na mitologia quanto na história e na geografia.

Os heróis aparecem em várias histórias mitológicas da Grécia Antiga. Eram personagens (semideuses) que estavam em uma posição intermediária entre os homens e os deuses. Eram filhos de uma mortal com um deus ou vice-versa. Possuíam poderes excepcionais, superiores aos humanos. Utilizando suas capacidades especiais, eram capazes de vencer monstros, combater vários guerreiros inimigos e atuar em missões que seriam impossíveis aos mortais. Por outro lado, os heróis apresentavam alguns defeitos (psicológicos e corporais). Campbell constrói um arquétipo heroico, selecionando as variáveis e realizando um trabalho, no qual, edifica a imagem do Herói. Sua tese reside no entendimento de que “o herói simboliza nossa habilidade para controlar o animal irracional que habita em nós”. (CAMPBELL, 2007, p. 15-16).

Cada período histórico tem seus heróis e sua forma de enaltecê-los. Na Idade Média não se valorizava as realizações humanas. O pecado e o “medo” cercavam a vida da sociedade. Enfatizava-se a vida após a morte. A grandeza vinha de Deus, não do homem, e os verdadeiros heróis cristãos eram os mártires, os missionários e os padres. No século do Iluminismo os conceitos mudaram. Seria privilegiada a razão humana universal, a humanidade seria por si só heróica, pois havia grande uniformidade nas ações dos homens, em todas as nações e idades. O heroísmo democratizou-se no século XX, e desde então acredita-se intrinsecamente que todo ser humano é heróico. De acordo com Campbell, “o poderoso herói, dotado de poderes extraordinários - capaz de levantar o monte Geovardhan com um dedo e de preencher-se a si mesmo com a terrível glória do universo, é cada um de nós: não o

eu físico, que podemos ver no espelho, mas o rei que se encontra em nosso íntimo” (CAMPBELL, 2007, p. 47). Tratar de heróis hoje é ainda mais complexo. Os meios de comunicação são em grande parte responsáveis disto, pois com suas visões ideológicas, criam diversas facetas para os heróis, que em sua maioria devem ser consumidos pelos telespectadores.

Dardel nos mostra que também há uma transformação no modo de tratar os heróis na chamada geografia heróica. Ele diz que:

Entendemos por geografia “heróica” aquela compreensão da terra em que o espaço geográfico é considerado como um espaço a descobrir, apelo à aventura, ampliação da morada terrestre fixada pela tradição e pela vida em grupo. Ela abarca, de fato, dois aspectos bem diferentes: é obra do “herói”, personagem meio fabuloso meio histórico, se produzindo na atmosfera da “fábula”, em um mundo legendário em que se exaltam as virtudes viris, conquistadoras. Mas ela entra mais plenamente no horizonte de uma consciência histórica, quando essa geografia se torna “heróica” pelos riscos assumidos, pelo espírito corajoso e empreendedor. Essas duas formas de geografia heróica tem em comum representar, em oposição à geografia mítica que é coletiva e tradicional, uma manifestação da iniciativa individual na qual o sujeito se arrisca pessoalmente, se evade do horizonte da tribo ou do clã para outro. Não sem levar consigo hábitos mentais e preconceitos adquiridos em seu “meio” de origem. (DARDEL, 2011, p. 71).

Ligado ao mito, ao simbolismo e as crenças dos diferentes povos e culturas, encontra-se o que poderíamos chamar de manipulação oculta de interesses. Os processos de manipulação da constituição do saber histórico, manifestado nos mais variados níveis, pode ser constatado a partir da tomada de consciência da construção do fato (quem e porque escreveu) e da não inocência do documento. A autora, Vavy Pacheco Borges demonstra como a idéia de documento mudou com o tempo, dizendo que:

“Tudo quanto se diz ou se escreve, tudo quanto se produz e se fabrica pode ser um documento histórico. Antigamente a ideia de um documento histórico era a de “papéis velhos”, referentes a pessoas importantes (reis, imperadores, generais, grandes nomes das artes ou das religiões, etc.), os quais eram vistos como os condutores da história. Atualmente tem-se a consciência de que, entre outros exemplos, uma caderneta de despesas de uma dona de casa, um programa de teatro, um cardápio de um restaurante, um folheto de propaganda, são verdadeiros documentos históricos, significativos e reveladores de seu momento”. (BORGES, 1980, p. 58).

O espaço geográfico tido como palco de todas as vivências humanas, sejam elas sociais, culturais, políticas e econômicas, sofre a interferência das ações humanas e, é nele que se constroem as realidades materiais e imateriais que os homens manipulam e buscam consolidar suas relações de poder. De encontro a

isso, o autor Haesbaert afirma que “Todo poder social é um poder sobre o espaço” (HAESBAERT, 2004, p. 36), corroborando com a visão histórica de manipulação oculta de interesses, apresentada acima.

A ciência geográfica também está diretamente relacionada com a construção do ser heroificado, pois, proporciona a compreensão do mesmo em ambientes e representações espaciais de diferentes territórios que lhe atribuem tal característica. Andrade, afirma que:

[...] a concepção da geografia como ciência e como ação está estreitamente ligada e depende das relações sociais, ao mesmo tempo em que o pensamento geográfico não tem forma isolada, mas se interpenetra com o pensamento das demais ciências (ANDRADE, 2008, p. 13).

Todo território é ao mesmo tempo “funcional e simbólico” obtendo características que vão muito além de elementos políticos e econômicos cuja conotação remete-se a poder, posse, mas também denotam aspectos culturais e dotam de significado o lugar, o vivido. Sack afirma que:

A territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado (SACK, 1986, p. 219).

Variando consoante as épocas, as correntes estético-literárias, os gêneros e subgêneros, o herói é marcado por uma projeção ambígua: por um lado, representa a condição humana, na sua complexidade psicológica, social e ética; por outro, transcende a mesma condição na medida em que representa facetas e virtudes que o homem comum não consegue mas gostaria de atingir como, fé, coragem, força de vontade, determinação, paciência, etc. Neste sentido Campbell diz que,

[...] aqueles que fazem as lendas raramente se contentam em considerar os grandes heróis do mundo como meros seres humanos que romperam os horizontes que limitavam seus semelhantes, e retornaram com bençãos que homens com igual fé e coragem poderiam ter encontrado. Pelo contrário, sempre houve uma tendência no sentido de dotar o herói de poderes extraordinários desde o momento em que nasceu ou mesmo desde o momento em que foi concebido. Toda vida do herói é apresentada como uma grandiosa sucessão de prodígios, da qual a grande aventura central é o ponto culminante (CAMPBELL, 2007, p.162).

O herói, nessa construção baseada em virtudes, passa a ser tipificado como guiado por ideais nobres e altruístas, liberdade, fraternidade, sacrifício, coragem,

justiça, moral e paz. Eventualmente buscará objetivos supostamente egoístas (vingança, por exemplo), no entanto, suas motivações serão sempre “moralmente justas ou eticamente aprováveis” pelo meio em que está inserido, mesmo que estas sejam ilícitas. Aqui é preciso observar que o heroísmo caracteriza-se principalmente por ser um ato moral. No livro “O poder do mito”, ao ser questionado por Moyers se o heroísmo tem um objetivo moral, Campbell diz que:

O objetivo moral é o de salvar um povo, uma pessoa, ou defender uma ideia. O herói se sacrifica por algo, aí está a moralidade da coisa. Mas, de outro ponto de vista, é claro, você poderia dizer que a ideia pela qual ele se sacrificou não merecia tal gesto. É um julgamento baseado numa outra posição, mas que não anula o heroísmo intrínseco na proeza praticada (CAMPBELL, 1991, p.141).

Carl G. Jung em seu livro “O homem e seus símbolos”, diz que muitas vezes,

[...] ainda lemos os mitos dos antigos gregos ou dos índios americanos, mas não conseguimos descobrir qualquer relação entre as histórias e nossa própria atitude para com os “heróis” ou os inúmeros acontecimentos dramáticos de hoje. No entanto as conexões existem. E os símbolos que as representam não perderam importância para a humanidade (JUNG, 2008, p. 102).

A construção do personagem heróico, portanto, está intimamente ligada com os interesses e anseios da sociedade em que está inserido. Em alguns casos, para ser um exemplo a ser seguido, como é o caso do herói de guerra, que é criado para aumentar a moral da tropa no campo de batalha; em outros para justificar a realidade vigente, assumindo assim um papel político; e, até mesmo com o propósito real de lutar pelos fracos e oprimidos, contudo sem a real modificação da situação. Neste sentido, o herói está em volta de interesses e ideologias, as quais são usadas para criar ou justificar determinado sistema e torná-lo aceito socialmente e culturalmente. O herói é uma figura mitológica que é construída através da ação cotidiana, por circunstâncias políticas, espaciais, por necessidades sociais e até locais, por interesses econômicos, por artimanhas da literatura e da poesia e também no campo religioso.

3 A CONSTRUÇÃO DO HERÓI EM DIFERENTES TEMPOS HISTÓRICOS E ESPAÇOS GEOGRÁFICOS

Este capítulo tem como objetivo estudar a trajetória da construção da figura do herói em diferentes tempos históricos e espaços geográficos.

3.1 O HERÓI NO CAMPO SOCIAL E DA RELIGIOSIDADE

Neste primeiro momento do estudo, tratamos da trajetória da personificação do herói religioso. Para isso retrocedemos no tempo, mais especificamente nos primórdios da história humana, quando a própria existência se revestia de mistérios. Momento em que os primeiros homens procuraram explicar o mundo a partir das divindades. Neste intuito, criaram a figura dos deuses, uma mistura do bem e do mal, aliada aos superpoderes e à imortalidade, configurando nestes os seus heróis. No caso dos gregos, heróis e deuses que habitavam o Monte Olimpo e se alimentavam de néctar e ambrosia, estes deuses detinham o controle sobre o fogo, a terra, o ar e tudo o que nela habitava. Suas façanhas, tidas como verdadeiras, eram passadas com idolatria e respeito de boca a boca, indiferentemente de sexo e idade. Na mitologia cristã, mais especificamente na Idade Média Ocidental, esses deuses foram sintetizados em dois pólos: na divina trindade e na imagem de Lúcifer, atualização de Hades, da divindade greco-romana. Sob o viés geográfico dos primórdios da história humana, ANDRADE afirma que:

Ao falarmos em povos primitivos, considerando-os como os que viveram na pré-história, vemos que eles, mesmo sem possuírem a escrita, transmitindo o conhecimento através da versão oral e dos desenhos em rochas e em cavernas, passadas de geração a geração, tinham uma concepção de vida e uma cultura, ambas impregnadas de ideias geográficas (ANDRADE, 2008, p. 32).

O modo de vida manifestava-se fortemente no campo religioso, devido à crença nas intervenções de “Entes Sobrenaturais”. A sobrenaturalidade manifesta-se tanto no campo espiritual quanto nas relações interpessoais. Mircea Eliade, autora da obra “Mito e Realidade”, ao tratar das mitologias primitivas afirma que: “Trata-se, ademais, de sociedades onde os mitos ainda estão vivos, onde fundamentam e justificam todo o comportamento e toda a atividade do homem.” O comportamento social, as crenças e rituais, estão intimamente ligados a forma com que seus ancestrais agiam. Isto porque, as pessoas dessas comunidades, acreditavam que os

mitos dos primitivos ainda refletiam um estado primordial. Ainda a mesma autora explica que:

[...] “de modo análogo, um primitivo poderia dizer: eu sou como sou hoje porque antes de mim houve uma série de eventos. Mas teria de acrescentar imediatamente: eventos que se passaram nos tempos místicos e que, conseqüentemente, constituem uma história sagrada, porque os personagens do drama mas não são humanos, mas entes Sobrenaturais. Mais ainda: ao passo que um homem moderno, embora considerando o resultado do curso da história universal, não se sente obrigado a conhecê-la em sua totalidade, o homem das sociedades arcaicas é obrigado não somente a rememorar a história mítica de sua tribo, mas também reatualizá-la periodicamente em grande parte.” (Mircea Eliade, p.17).

Conforme Mircea, o homem primitivo encontrava no mito a explicação da própria existência; o homem da idade clássica, remonta a uma explicação divina. Na Idade Média esta explicação estava ligada a igreja, situação que mudou com a modernidade. Ao lado da mitologia cristã, onde o pecado e o medo cercavam a vida das pessoas, a grandeza vinha de Deus e os heróis eram personagens ligados à igreja: mártires, missionários e padres. Floresceu também na Idade Média, uma mitologia laica, absolutizando o bem e o mal.

Esta mitologia laica, encontra-se representada principalmente através dos contos de fadas, na figura da fada madrinha (bem) e da bruxa (mal), remodeladas pelos efeitos especiais das produções cinematográficas de nossos dias e pelos livros ficcionais de natureza mística, como “O alquimista” de Paulo Coelho (Coelho, 2006). O que se percebe é que a busca da verdade sobre o homem e o mundo continua e com isso, a varinha mágica, resquício dos poderes dos deuses gregos, vem passando por mudanças. Mudanças necessárias para continuar a reproduzir, com mais eficácia, a eterna luta entre o bem e o mal, o sim e o não, a vida e a morte.

Mesmo que os mitos religiosos reflitam uma característica bem presente nos povos primitivos, as sociedades primitivas e tradicionais e até a contemporânea, observa-se que as sociedades trazem também resquícios mitológicos além dos religiosos em sua formação cultural. Os mitos levam as pessoas a crer e a tentar imitar as façanhas dos “Entes Sobrenaturais”, que como verdadeiros heróis ou heroínas, dedicaram-se na luta contra o mal e pela salvação dos povos.

Os gregos deixaram um grande legado no campo religioso e mitológico. Os principais elementos da religião grega são: o politeísmo e o antropomorfismo. Cultuavam deuses, heróis ou semideuses, filhos de uma pessoa mortal com um

deus. Criaram uma rica mitologia, que serviram de inspiração até mesmo para várias obras de arte ocidental. Para justificar os privilégios dos aristocratas, eles eram apresentados como descendentes de grandes heróis, que por sua vez eram apresentados como descendentes dos deuses, completando assim um ciclo de legitimação da aristocracia à base de um direito divino. Os gregos procuraram, responder através dos mitos as perguntas sobre o que havia antes de existir algo. O mito, nesse sentido, foi como uma janela para a compreensão da sociedade. Pode-se, através dele, detectar traços sociais em sua composição de comportamento das divindades, que espelham a realidade vivida pelos autores. Nesse sentido Eliade fala que na visão dos gregos:

[...] conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas. Em outros termos, aprende-se não somente como as coisas vieram a existência, mas também onde encontrá-las e como fazer com que reapareçam quando desaparecerem (Eliade, 2006, p. 18).

No Egito acreditava-se que o Faraó, se não era deus, era a encarnação deste. Mais tarde o cristianismo coroou esta relação homem/divino, reconhecendo em todos uma alma imortal e participação direta na divindade. O próprio Cristo é o símbolo supremo do imortal que está oculto no homem mortal. Cristo reúne em si o alto da divindade com o baixo da humanidade. Como herói do povo cristão, ele se propõe a salvar a humanidade, é punido por seus atos, mas no fim ressurge gloriosamente. Campbell, em seu livro “O herói de mil faces”, mostra um exemplo de herói religioso. Ele diz que:

O herói evoluiu à medida que a cultura evoluiu. Moisés é uma figura heróica, por exemplo. Sobe a montanha, encontra-se no topo dela com Jeová e volta com as leis para a formação de toda uma sociedade. É o feito típico do herói - partida, realização, retorno (CAMPBELL, 1997, p.150).

Com o transcorrer dos anos, a crença mitológica dos povos primitivos em seres proto-humanos ou sobre-humanos, deu lugar a uma nova forma de ver e exaltar os heróis da sociedade. Os seres sobrenaturais, outrora exaltados, deram lugar a uma figura humana, diretamente vinculada com a necessidade e esperanças locais, tornando-se um agente transformador do cotidiano, no tempo registrado. Os heróis tornaram-se cada vez menos vinculados a divindades e a seres sobrenaturais. Desta forma a concepção de predestinação atribuída à condição de herói aos poucos tornou-se ultrapassada, voltando a construção do personagem

heróico a problemas concernentes a relações sociais, interpessoais e de interesses. Campbell, ao tratar da construção/relação do herói em diferentes tempos históricos diz que:

[...] nos estágios posteriores de muitas mitologias, as imagens/chave se ocultam como agulhas num palheiro de anedotas secundárias e de racionalizações: pois quando a civilização passa de um ponto de vista mitológico para um ponto de vista secular, as velhas imagens já não são sentidas ou muito aprovadas. Na Grécia helênica e na Roma imperial, os deuses antigos foram reduzidos a meros patronos cívicos, mascotes domésticos ou preferências literárias. Temas herdados não compreendidos, tais como o minotauro - o aspecto negativo, sombrio e terrível da velha representação egípcio cretense do deus do sol encarnado e rei divino -, foram racionalizados e reinterpretados para servirem a fins contemporâneos. O monte Olimpo tornou-se uma Riviera, plena de escândalos e negociatas escabrosas, tornando-se as mães-deusas ninfas históricas. Os mitos eram lidos como romances super-humanos. Na China, comparavelmente, onde a força humanista e moralizadora do confucionismo conseguiu esvaziar razoavelmente, onde a força humanista e moralizadora do confucionismo conseguiu esvaziar razoavelmente as velhas formas místicas de sua grandeza primeva, a mitologia oficial hoje não passa de um amontoado de anedotas a respeito dos filhos e filhas dos funcionários provinciais - os quais, por servirem à comunidade, de uma ou de outra forma, foram elevados, pela gratidão daqueles a quem beneficiaram, à dignidade de deuses locais. E no moderno cristianismo progressista, o Cristo - encarnação do Logos e Redentor do Mundo - tornou-se essencialmente, personagem histórica, um inofensivo sábio do campo, do passado semi-oriental, que pregou uma doutrina benigna do "fazei aos outros o que quereis que façam a vós" e, não obstante, foi executado como criminoso. Sua morte é interpretada como uma esplêndida lição de integridade e firmeza (CAMPBELL, 1997, p.134).

A religiosidade popular buscou caminhos alternativos para se encontrar com Deus e encontrar uma vida mais digna, coisas que lhes eram negadas pela religião oficial e pela sociedade opressora e excludente, como a personificação de mitos.

3.2 OS MOVIMENTOS MESSIÂNICOS E A MITIFICAÇÃO DE LÍDERES SOCIAIS

A experiência da pobreza e da opressão não conduz à desintegração dos laços sociais e da esperança, ao contrário, elabora movimentos de libertação e de um renascimento religioso com o objetivo de se procurar e construir seu próprio paraíso, através de seus próprios heróis. Por ocasião de crises econômicas, políticas, sociais e morais, é normal que surjam homens e mulheres considerados heróis do povo anunciando a chegada de novos tempos e do castigo de Deus para os pecadores. O Brasil não foge a regra e assistiu no decorrer de sua história o surgimento desses líderes ou heróis nos chamados movimentos messiânicos.

Sempre existiram movimentos messiânicos, tanto nas grandes religiões: judaísmo, cristianismo, islamismo, budismo, xintoísmo, etc. como em grupos primitivos de base autóctone. Messianismo é uma designação genérica de toda crença no advento de uma personalidade um “herói” ou evento capaz de redimir pessoas e resolver problemas. Neste sentido, Campbell diz que:

[...] muitas religiões começaram com as suas próprias histórias de heróis. Todo o Oriente foi abençoado pelo ensinamento da boa lei trazida pelo Buda, e o Ocidente, pelas leis de Moisés trouxe do monte Sinai. Os heróis tribais ou locais realizam suas proezas diante de um único indivíduo, mas os heróis universais, como Maomé, Jesus ou Buda, trazem uma mensagem de muito longe. Esses heróis religiosos voltam com a maravilha de Deus e não com um projeto de Deus (CAMPBELL, 1991, p.155).

Constituem-se como movimentos messiânicos, desde simples contestações pacíficas quanto a aspectos da vida social, até rebeldias armadas, ambos os tipos informados pelo universo ideológico religioso, capaz de, ao mesmo tempo, diagnosticar as causas das atribuições e sofrimentos e indicar caminhos para sua superação, desde os mais racionais até os mais utópicos. Em relação ao poder do sagrado e sua relação social Damatta diz que:

[...] o poder do sagrado, conforme dizia o sociólogo Francês Émile Durkheim, é um poder que permite distinguir o mundo diário, com suas rotinas automáticas e tendem a uma inércia e uma indiferenciação cada vez maiores, esse sistema de coisas que eram chamadas de profanas, das coisas e do universo de Deus e do Alto (DAMATTA, 1997, p. 84).

Os movimentos messiânicos estão presentes na história do Brasil de um modo bastante intenso. O messianismo refere-se à atuação coletiva (por parte de um povo ou de um segmento variável da sociedade) no sentido de concretizar a nova ordem ansiada, sob a condução de um líder de virtudes carismáticas, o qual acaba tornando-se herói, o modelo a ser seguido. O imaginário religioso, sua exacerbação ou superação por uma nova revelação profética está sempre presente, interpretando a realidade, postulando objetivos e identificando os meios pelos quais estes serão alcançados.

Um exemplo de movimento messiânico no Brasil foi o Contestado. Um dos maiores movimentos sociais do País no início do século XIX. Refletia as transformações da região entre Santa Catarina e Paraná. No caso do Contestado, o messianismo se caracterizou na crença da ressurreição de José Maria, quando videntes passam ordens recebidas do monge aos demais integrantes das cidades

santas. A simbologia das orações, dos rituais e das práticas de guerra também reafirmam o caráter místico e religioso do movimento.

Sobre a transformação do espaço geográfico da região do contestado a autora Gemelli diz que:

o Contestado é um território estruturado por meio de relações de poder hegemônicas e contra hegemônicas, sobretudo através dos sentidos e significados da terra para a lógica capitalista e para a população cabocla. Nesse contexto, entendemos que a Guerra foi resultado da expansão geográfica do capital e da apropriação da natureza via expulsão do povo caboclo de suas terras e de seus territórios (GEMELLI, 2018, p. 258).

A intervenção do capitalismo nas áreas rurais brasileiras em nome do progresso, o qual tinha o aval inclusive do governo, fez com que os posseiros reagissem a esta situação, amparados pelo viés religioso do movimento messiânico da busca por justiça social e de amparo divino.

Canudos, outro movimento messiânico brasileiro foi liderado por Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antonio Conselheiro. Euclides da Cunha em seu livro “Canudos: diário de uma expedição” descreve conselheiro, como um homem respeitável, não só por ser líder, mas pela aparência higiênica, algo que Cunha não esperava encontrar num líder popular:

[...] quanto a Antônio Conselheiro, ao invés da sordidez imaginada, dá o exemplo de notável asseio nas vestes e no corpo. Ao invés de um rosto esquelético agravado no aspecto repugnante por uma cabeleira mas tratada onde fervilham vermes - emolduram-lhe a face magra e marcerada longa barba branca, longos cabelos caídos sobre os ombros, corredios e cuidados (CUNHA, 2006, p.54).

Conselheiro fez-se um peregrino penitente, pregando e executando obras missionárias entre os mais necessitados, situação que rendeu a Conselheiro fama, um dos primeiros passos para a mitificação, o reconhecimento do personagem e sua importância. O autor Marcelo Biar escreve que,

A fama de Antônio foi se espalhando, e sua presença era esperada e desejada por todos. Cada vez mais pessoas o admiravam e queriam segui-lo. Afinal, para aquela pobre gente que ficava tão distante da atenção do governo, ele era a última esperança de sobrevivência: uma espécie de Oásis em pleno deserto (BIAR, 2009, p. 33).

Conselheiro, dessa forma, era tido como herói, capaz de salvar o povo de seus malefícios. Tinha uma missão itinerante, carregada de emocionalismo, centrada na pregação da penitência e fazendo uso da dicotomia céu e inferno.

Consagrado pela fama e por seus feitos, Conselheiro ia tendo seguidores e, com eles, fundou o arraial de canudos.

O arraial de Canudos foi fundado em uma velha fazenda abandonada. O nome escolhido foi “Belo Monte”. Lugar distante, de difícil acesso, bem protegido pelo rio e por serras ao redor e, pela caatinga que o separava de outras povoações. A construção da igreja e as celebrações ocupavam grande parte do interesse e do tempo do povo. Havia rezas diurna e noturnamente bem como ofícios nestes dois horários. As prédicas de Antônio Conselheiro davam ênfase especial à necessidade da conversão, do abandono da riqueza e de toda a vaidade, da prática de jejuns e esmolas, essenciais para se alcançar a salvação. O centro da vida era a religião. Quanto à religião e ao culto institucionalizado, Damatta diz que:

[...] a igreja, é uma fonte básica de religião, marcando talvez o lado impessoal de nossas relações com Deus. Um lado, de fato, onde a intimidade eventualmente pode ceder lugar às regras fixas que conduzem a uma impessoalidade, sobretudo nos cultos que legitimam de qualquer modo as crises da vida (DAMATTA, 1997, p.116).

A forma como Conselheiro procedeu, construindo uma igreja, dá para o seu projeto social a dimensão de institucionalização religiosa. As experiências de opressão e humilhação, do que seus seguidores fugiam, foi caminho para manter viva a orientação messiânica, permitindo a elaboração do movimento na perspectiva da libertação e do renascimento religioso focado na busca pelo paraíso, sob orientação do profeta, herói popular portador de esperança e consolo ao povo.

Sendo o messianismo toda crença na vinda e intervenção de uma personalidade ou acontecimento capaz de redimir as pessoas e resolver os problemas de uma comunidade ou país, assemelha-se ao mito, em relação a crença de que neste mundo é possível organizar uma sociedade perfeita, sem injustiças, sofrimentos, doenças e morte. Campbell, ao falar do mito e do herói, diz que: “os mitos lidam com a transformação da consciência, de um tipo ou de outro”, levando a mudanças no modo de pensar. (CAMPBELL, 1991, p. 140). O messianismo, portanto, é formado pelo mito.

A religião sempre ocupou posição fundamental em toda a história humana e isto já não pode ser negado ou ocultado. Tanto em relação a prodígios sobrenaturais ou, simplesmente seres humanos que realizaram algum feito e por ele ficaram conhecidos e respeitados, o fato é que os povos, em diferentes épocas e lugares,

sempre procuraram algo ou alguém em quem depositar suas esperanças. Assim, os heróis são apresentados em diversas faces, mas sempre como símbolo e agente das transformações almejadas.

3.3 O HERÓI NO CAMPO DA POLÍTICA

Neste segundo momento do estudo trataremos da trajetória do herói no campo político e social, onde o estudo ideológico e simbólico que envolve a construção deste personagem é o primeiro passo para compreendê-lo. A seguir falamos da orientação política que envolve o ser heroificado, bem como, a sua relevância e influência social.

Discutir a construção ideológica e simbólica da figura do herói no campo das ciências humanas e sociais nos remete a uma intrincada teia de reflexões sobre a sociedade presente e passada, especialmente quando lidamos com fabricações produzidas no universo político. Neste sentido Milton Santos afirma que:

A ideologia é um nível da totalidade social e não apenas é objetiva, real, como cria o real. Sendo, na origem, um real abstrato, cada vez mais se manifesta como real concreto, na medida em que a vida social se complica (SANTOS, 2006, p. 82).

A ideologia materializa-se na maneira como se organizam os aparelhos repressivos e ideológicos, compreendendo por ideologia a forma como os homens explicam sua relação com as condições reais de existência, caracterizada como mitificação. Neste sentido a ideologia apresenta uma existência material e tem como finalidade a manutenção do poder, o que é possível através da ideologia que o sustenta. Essa perpetuação é garantida, por sua vez, por um contínuo processo de transformação de indivíduos em sujeitos ideológicos, quando estes são assimilados pelo sistema, passam a disseminar a ideologia dominante. De encontro com nossa abordagem Damatta, em seu livro “O que Faz o Brasil Brasil”, diz que:

[...] a construção de uma identidade social, como a construção de uma sociedade, é feita de afirmativas e de negativas diante de certas questões. Tome uma lista de tudo o que você considera importante - leis, ideias relativas à família, casamento e sexualidade, dinheiro, poder político, religião e moralidade, artes, comida e prazer em geral - e com ela você poderá saber quem é quem. Não é de outro modo que se realizam as pesquisas antropológicas e sociológicas. Descobrimo como as pessoas se posicionam e atualizam as coisas desta lista, você fará um inventário de identidade sociais e sociedades. Isso lhe permitirá descobrir o estilo e o jeito de cada

sistema, Ou, como se diz em linguagem antropológica, a cultura e a ideologia de cada sociedade. Porque para mim, a palavra cultura exprime precisamente um estilo, um modo e um jeito, repito, de fazer coisas (DAMATTA, 1997, p. 17).

O imaginário dos heróis mitológicos medievais, modernos e contemporâneos, são exatamente a relação subjetiva formada entre figuras heróicas e os sujeitos, existindo aí uma interação e certa relação de poder, os heróis ditando regras e divulgando ideologias, a evocação dos heróis constitui peça central no objetivo de ensinar qual a essência da nação.

Conforme Damatta (1997), a construção da personalidade do herói é ajustada aos valores morais e às necessidades emocionais daqueles que os veneram. A escolha do herói representa e constitui uma orientação política e, sob a aparência de diversão, se materializa uma doutrinação ideológica. O herói pode ser extraído da classe social dominante ou da classe social “inferior” ou pobre, dependendo da postura política, do local e da época. A classificação de uma personagem como “herói” ou “vilão” pelos critérios consensuais dependerá do grupo em que ele esteja inserido e não somente dos ideais dela. Se suas habilidades forem usadas de acordo com critérios considerados heróicos pelo grupo, esse personagem será um herói. Isso equivale dizer que ele pode ter os dons necessários, mas precisará da oportunidade e da disposição de seguir esses critérios para ser considerado um herói. Máximo, diz que os:

[...] heróis históricos, cujos status depende, pelo menos em parte, de sua identificação pelo público com seus equivalentes míticos, foram com frequência pessoas destituídas de uma posição fixa na sociedade que esperava dele atos heróicos (MÁXIMO, 2007, p. 18).

Falar da memória coletiva implica convocar a tradição. O trabalho de heroificação é inseparável da produção de uma memória coletiva de dimensão nacional por parte do estado e seus agentes. Construídas e instituídas pelo estado, reclamando-se da imutabilidade por contraponto à mudança, as tradições permitem colocar em ação práticas simbólicas que funcionam como instrumento de inculcação de valores e referências que se pretendem partilhar por toda a nação. Trata-se, entre outros aspectos, de elaborar respostas ancoradas no passado para responder a problemas de identidade no presente. A memória coletiva é simultaneamente a depositária do conjunto de atributos e símbolos de uma sociedade e um dos instrumentos de legitimação da ordem social dominante. Félix diz que:

[...] o poder político cerca-se de representações coletivas e para tal poder, o domínio do imaginário e do simbólico é um importante lugar estratégico, onde se dá à dominação efetiva pela apropriação de símbolos e garante-se a obediência pela conjugação das relações de sentido e poderio. Os bens simbólicos que qualquer sociedade fabrica, nada tem de irrisório e não existem, efetivamente em quantidade ilimitada razão pela qual se constituem em objeto de lutas e conflitos (FÉLIX, p. 142).

A ideia do herói é altamente potente, o que lhe fornece uma visão politicamente perigosa e emocionalmente perturbadora. A construção do herói não acontece sem que haja certa sintonia entre o ser heroificado e o coletivo. As ideias, os valores, os feitos, são fatores de influência na construção da imagem do personagem a ser seguido e admirado. Máximo, no livro “Heróis: salvadores, traidores e super-homens”, afirma que:

[...] a natureza e a função do herói modificam-se juntamente com a mentalidade da cultura que o produz, bem como as qualidades atribuídas ao herói, os feitos que se esperam deles e seu lugar nas estruturas política e social como um todo (MÁXIMO, 2007, p. 20).

Os vários tipos de heróis e o papel que lhes cabe em diferentes momentos históricos e espaços geográficos são um modo de responder ao desafio colocado pela contradição de forças sociais. A ideologia de roubar dos ricos para dar aos pobres, por exemplo, pode aparecer em folhetins nordestinos entronizando Lampião como herói (ainda que isto não corresponda à verdade histórica), essa ideia de redistribuição da riqueza social por atitudes individuais, sem alterar o sistema vigente, ou seja, o da propriedade fundiária, corresponde a uma perspectiva heróica: o herói popular.

Produto de uma memória social, que tanto constrói a partir de acontecimentos reais como de lendas, o herói deve responder às expectativas que sobre ele se colocam e que ganha visibilidade, seja sob formas populares de celebração, seja através do esforço do Estado na promoção de determinado herói. A sua evocação faz-se, no sentido de reforçar a nação, afirmando a sua singularidade e definindo o seu exterior, isto é, os espaços e agentes que ameaçam a sua identidade. Compreende-se, assim, que é em momentos de crise que mais particularmente esses personagens emergem ou se acentua o seu peso. Félix nos diz que:

[...] a transmutação do real, embutida no processo de heroização e mitificação, tem seu momento oportuno especialmente em situações de crise

histórica conjuntural. Nos momentos de ruptura do ritmo histórico da continuidade e da normalidade, o grupo social tende a necessitar de um novo tutor, de um novo guia que possa construir em torno de si um imaginário político que permita a compreensão da inteligibilidade histórica perdida, exercendo assim uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para a compreensão do presente, uma ordenação histórica lógica ao caos aparente (FÉLIX, p. 143).

Os heróis exercem grande relevância no processo de construção da identidade nacional. A escolha do personagem a ser heroificado e a representação deste não é inocente. O culto aos heróis é utilizado para legitimação dos sistemas políticos. Há personagens que personificam a alma de um povo segundo a ideologia que num dado momento seja a dominante. Não importa se esse personagem heróico é real ou não, o importante é que se tenha querido que fosse verdadeiro para legitimar determinados interesses. DaMatta, em seu livro “Carnavais, Malandros e Heróis”, ao falar da questão do rito e das relações sociais entrelaçadas ao personagem heróico, faz o seguinte questionamento e análise:

[...] por acaso seria possível imaginar que um ritual, como o Dia da Pátria, é algo mais divorciado de todos os outros domínios da vida social? E, será por outro lado, possível imaginar que um governo americano deixe de comemorar algum dia o quatro de julho, a menos que a sociedade americana esteja com seus valores em colapso? De fato estou seguro de que, se alguns governos deixarem de realizar tais festivais, eles provavelmente cairão no dia seguinte! Então se o comportamento místico significa que o mundo ritual propriamente dito é um mundo onde tudo está relacionado, tal relacionamento também existe nas sociedades complexas, onde seria absurdo deixar de coroar a rainha, festejar o carnaval, o dia da independência, etc. (DAMATTA, 1997, p. 74).

Os heróis são inseparáveis dos momentos históricos e dos espaços geográficos, das datas mais marcantes da construção da independência e da identidade nacional. Presentes nas celebrações estatais mais importantes fazem parte do mito nacional, cuja função primordial é dar respostas à interrogação sobre o caráter da nação.

O herói nacional é evocado no quadro de legitimação, quer dizer da naturalização, de discursos políticos específicos. Heróis são símbolos poderosos, encarnação de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São por isso instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. Félix, ao falar da dimensão dos mitos políticos, diz que:

[...] realiza-se uma dimensão mobilizadora dos mitos políticos em que, a partir da sensibilização dos corações e mentes para uma unidade/identidade construída e legitimada, parte-se para a ação de preservar a ordem sócio-institucional vinculada simbolicamente ao herói, mentor, tutor, guia e protetor (FÉLIX, p.146).

Podemos seguramente entender o herói nacional como uma categoria particular de herói, cujos contornos fundamentais são os que fazem de si um reflexo da alma da nação. O herói nacional não é uma identidade acabada, mas sim uma realidade em permanente construção, quer dizer, uma figura suficientemente maleável para poder ser ajustada a novas necessidades e justificativas.

Hoje, torna-se difícil encontrar ou definir a figura do herói. Sendo assim, o herói contemporâneo é a figura da passagem sobre as adversidades. Vitorioso ou não, é uma representação de superação e comunica algo. É uma mensagem de conotações diversas, dependendo de suas várias faces e do meio. Os heróis são construídos por discursos e portam discursos. Assim, esses heróis, que comunicam e que são consumidos, influenciam o comportamento das pessoas, determinando modas, influenciando pensamentos e ditando valores em sua época.

Campbell ao falar do herói contemporâneo diz que:

[...] a tarefa do herói a ser empreendida hoje, não é a mesma da do século de Galileu. Onde havia trevas, hoje há luz; é bem verdade que, onde havia luz hoje há trevas. A moderna tarefa do herói deve configurar-se como uma busca destinada a trazer à luz para a Atlântida perdida da alma condenada (CAMPBELL, 1997, p. 187).

A imagem do político, por exemplo, que é vendida e administrada pela mídia, e que é consumida pela massa da população, corresponde a uma espécie de herói, capaz de abraçar os interesses de uma maioria, transformando-se em um ator que possui o poder de transformação social e econômica imediata.

Quanto mais fracos os homens em uma sociedade, tanto mais eles precisam de heróis. E tanto mais heróis eles recebem para manterem-se fracos. Apesar dos perigos que corre em seu dia a dia para sobreviver, é-lhe assegurado que, no fim, tudo vai dar certo. Por outro lado, existe aí implícito um sonho de justiça e de valorização dos mais fracos, que é transferido ao reino da fantasia. Concomitante com o que acabamos de falar, Máximo diz que:

[...] somente uma nação afortunada é suficientemente confiante para prescindir de heróis. No momento em que estas linhas são escritas é comum lamentar a pouca grandeza das celebridades da nossa

cultura - tantos jogadores de futebol, estrelas do rock e modelos e tão poucos espíritos grandiosos, porém tal frivolidade coletiva poderia ser apreciada como um dos privilégios da paz. É o desespero que predispõe as pessoas a ansiar por um salvador, um protetor ou um paladino e, tendo identificado um, a oferecer-lhe adoração (MÁXIMO, 2007, p. 14).

Conclui-se, portanto, que a construção do herói está intimamente ligada com a sociedade em que ele está inserido e, é moldado pelas convicções e interesses daquele que a constrói ou relata. A função primordial do herói varia conforme o momento histórico e o espaço geográfico, mas seu processo de criação acha-se ligado a um conjunto de ideias e valores ideológicos que naquele momento seja o dominante. A figura heróica legitima discursos e constrói consciências. É, todavia, ajustável às necessidades e circunstâncias que num dado momento é entendido como útil e necessário. Devemos entender o herói político como um personagem inserido num contexto de uma luta simbólica pela definição da verdade que convém à nação ou a grupos.

4 A PERPETUAÇÃO DO HERÓI

O herói ou instituições heróicas são fonte de identificação imaginária ou, em outras palavras, de identidade coletiva. A figura heróica varia consoante a época e o território e é marcada por uma projeção ambígua, representando a condição humana na sua complexidade psicológica, social, moral, ética e, por outro lado, transcende essa condição, representando facetas e virtudes como: fé, coragem e determinação, que o homem não consegue, mas que gostaria de atingir, identificando-se assim o seu caráter simbólico. Neste sentido, buscamos neste capítulo abordar primeiramente a ação simbólica no cotidiano, bem como, a função simbólica do herói nesta ação. Posteriormente falaremos da modernização da construção dos heróis.

4.1 A AÇÃO SIMBÓLICA NO COTIDIANO

A palavra falada ou escrita é utilizada pelo homem para transmitir aos outros o que deseja. Esta forma de comunicação é permeada de símbolos, imagens, sinais, etc. O ser humano está sempre em constante busca por explicações para os mais variados fenômenos. Porém existem inúmeras coisas que ainda continuam fora do alcance de sua compreensão. É, neste sentido, que frequentemente recorre-se à utilização de termos simbólicos para representar conceitos que não compreendemos integralmente ou que não se tem uma definição lógica.

Quando uma imagem ou palavra, não estão diretamente ligadas a uma evidência concreta e, quando implica alguma coisa além de seu significado expresso e imediato, ela assume sua forma simbólica. Em seu livro sobre o simbolismo e suas implicações, Carl G. Jung diz que:

[...] o que chamamos símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. Muitos monumentos cretenses, por exemplo, trazem o desenho de um duplo enxó. Conhecemos o objeto, mas ignoramos suas implicações simbólicas. Tomemos como outro exemplo o caso de um indiano que, após uma visita à Inglaterra, contou na volta aos seus amigos que os britânicos adoravam animais, isto porque vira inúmeros leões, águias e bois nas velhas igrejas. Não estava informado (tal como muitos cristãos) que estes animais são símbolos dos evangelistas, símbolos provenientes de uma visão de Ezequiel que, por sua vez, tem analogia com Horus, o deus egípcio do sol e seus quatro filhos. Existem, além disso, objetos tais como a roda e a cruz, conhecidos no mundo inteiro, mas que possuem, sob certas condições, um significado simbólico (JUNG, 2008, p. 137).

Conforme Jung, no interior de toda realidade histórica, em cada espaço geográfico, deve-se reconhecer a existência do simbólico. E é justamente através deste simbolismo que há a possibilidade de criarem-se personagens de cunho heróico e mítico. A construção de heróis de guerra, por exemplo, é de fundamental importância, pois funciona como um aparato ideológico marcante entre os combatentes e a população em geral e contribui para aumentar a moral das tropas na batalha. Félix nos fala do simbolismo do herói e da função que este exerce. Ela nos diz que:

[...] heróis, enquanto figuras singulares desempenham a tarefa da unidade e do reerguimento anímico do social. Pela elaboração de uma memória, através de um conjunto de símbolos e significações retomadas nos momentos específicos de crises e rupturas, quando se faz necessário ou presente pela primeira vez, como vitais ao grupo, o herói passa a ser imprescindível (FÉLIX, p.146).

O heroísmo é um fato profundamente arraigado no imaginário e na moralidade popular; feitos de coragem e superação inspiram modelos e exemplos em diversos povos e culturas. A inspiração heróica surge muitas vezes da problemática imposta pelo ambiente ou por uma situação adversa, cuja solução exija um esforço além do normal.

Mircea Eliade, em sua obra “Imagens e símbolos”, considera o simbolismo como algo consubstancial ao ser humano, precedendo até mesmo a linguagem e a razão discursiva. Eliade diz que:

[...] o símbolo revela certos aspectos da realidade, os mais profundos, que desafia qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, símbolos e mitos, têm a capacidade de responder a uma necessidade e de revelar as modalidades mais secretas do ser. Os símbolos jamais desaparecem da atualidade psíquica, podendo mudar de aspecto, mas com a função permanecendo a mesma (ELIADE, 1991, p. 45).

Mas ao longo do tempo, os heróis vem perdendo a aura sagrada que os cercavam nos primórdios da humanidade. Desde a antiguidade, quando o conceito de herói foi estabelecido pelos gregos, muita coisa mudou. Mas, conforme Jung, em “Os arquétipos e o inconsciente coletivo” aponta, o herói é visto como uma “necessidade psicológica” do ser humano. Assim se torna uma construção simbólica que cumpre funções importantes no nosso desenvolvimento. Jung diz que:

[...] com sua propensão para criar símbolos, o homem transforma inconscientemente objetos ou formas em símbolos (conferindo-lhes assim enorme importância

psicológica) e lhes dá expressão, tanto na religião quanto nas artes visuais. A interligada história da religião e da arte, que remonta aos tempos pré-históricos, é o registro deixado por nossos antepassados dos símbolos que tiveram especial significação para eles e que, de alguma forma, os emocionaram. Mesmo hoje em dia, como mostram a pintura e a escultura modernas, continua a existir viva interação entre religião e arte (JUNG, 2008, p. 227).

Cada sociedade se constitui através de símbolos e mitos, o que revela suas singularidades e peculiaridades. A maneira como o ser humano percebe o outro e a si mesmo transcende os limites da ciência. No momento contemporâneo, observa-se que a cultura e as instituições encontram-se num momento de transição em relação aos valores. No entanto, o símbolo, o mito, a imagem, podem ser camuflados, degradados, porém, jamais extirpados, tendo sobrevivido até os dias de hoje.

4.2 A MODERNIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO DE HERÓIS

Desde o naturalismo, tem-se uma tendência em reverter o esquema das obras clássicas gregas onde os grandes personagens eram basicamente os aristocratas. Na modernidade percebe-se uma tendência em mostrar o herói como aquele vindo das classes mais baixas, ou seja, do proletariado, que questiona as condições e relações de trabalho e que lutam para que o novo modo de produção realmente venha a funcionar. No entanto, nem todos os jogos de interesses e ideologias entrelaçados ao personagem heróico foram deixados para trás, apenas mudaram suas faces. Em sua obra “Carnavais malandros e heróis”, DaMatta coloca a função do herói a partir de uma análise do Brasil. Ele diz que:

[...] claro está que o herói aqui é o renunciador: aquele que, por meio de instrumentos, modos diversos e em diversos níveis diferentes, rejeita o mundo social tal como ele é e se apresenta. Assim, se o caxias reforça a ordem social e deseja mantê-la como ela é, e se o malandro enquanto personagem intersticial, não deseja modificá-lo, o renunciador deseja realmente uma outra realidade. Em vez de discursar ou escrever, cantar e dançar, o renunciador reza e caminha, procurando a terra da promessa, onde os homens finalmente poderiam realizar seus ideais de justiça e paz social (DAMATTA, 1997, p. 205).

Observamos em DaMatta que o conceito de herói se estende para além das ocupações que requerem o confronto com o perigo pessoal pelo bem dos outros, ou que envolvem sacrifício financeiro a serviço do que é necessário para o bem social. O herói pode usar desses artifícios para manter os privilégios de uma classe.

Estamos tão acostumados com a imagem do herói suntuoso, com trajes romanos ou de cowboy, que acabamos esquecendo quão heróico é preciso ser para

sobreviver com o salário mínimo e resistir às condições de trabalho vigentes. De encontro com o que acabamos de falar Schmidt complementa, quando comenta sobre a história tradicional e sua forma de exaltação:

[...] a HT (história tradicional) só fala dos grandes heróis: príncipes, reis, generais, empresários, ou seja, os heróis das classes ricas e poderosas. Nem toca no que os homens comuns do povo fazem. Cria em nós um terrível sentimento de inferioridade. Ficamos supondo que nós, anônimos e simples, que temos prestações a pagar, meias velhas e dor-de-cotovelo, não devemos nos intrometer na história: “só os figurões é que mudam as coisas”. Enquanto nós acreditamos nisso, esses figurões continuarão fazendo o que querem conosco (SHIMIDT, 1992, p.10).

Vejam a relação: heróis e recepção do público das figuras heróicas, ou seja, uma relação de discursos em que o herói torna-se difuso sem ao menos ser dito uma linha inteira sobre os heróis anônimos, como a mãe que tem dois empregos e ainda tira tempo para cuidar dos filhos, pode ser considerada uma heroína, pois qualquer pessoa que defende o bem e o certo, contra todas as adversidades contrárias, e proporciona, através disso, uma luta heróica, tem seu valor nobre, que o dicionário define como “herói”. (LUFT, 2003, p. 367).

Também, a mídia constrói heróis de véspera, os de circunstância, que caem bem em determinado momento e local, viabilizam consumo e continuidade de um modelo, sob, às vezes, nova roupagem.

Para o homem contemporâneo, os eventos podem ser explicados através de relações causais perceptíveis. Já o homem primitivo, que tem uma visão mágica do mundo, explica tais eventos através de termos não-perceptíveis, sobrenaturais. O herói contemporâneo parece não ter garantida sua imortalidade ou rememoração, pela recordação, pois não chega a conferir a procurada identidade. Assim como é criado, é destruído, posto no anonimato. O heroísmo foi convertido em espetáculo pela mídia e costurado como imediato, o que tende a dissolver a memória, a recordação e a perda da imagem de um “nós” social. Jung fala sobre a forma com que o herói é apresentado hoje nos meios de comunicação, principalmente nos desenhos animados. Ele diz que:

[...] o mito universal do herói refere-se sempre a um homem ou a um semi deus todo-poderoso e possante que vence o mal, apresentado na forma de dragões, serpentes, monstros e demônios, e que sempre livra seu povo da destruição e da morte. A narração ou recitação ritual da cerimônia e dos textos sagrados e o culto a figura do herói, compreendendo danças, música, hinos, orações e sacrifícios, prendem audiência num clima de emoções, exaltando o indivíduo até a sua identificação como herói (JUNG, 2008, p. 271).

As angústias do homem contemporâneo fazem com que muitas vezes ele busque escapar a massacrante e insuportável rotina cotidiana. Vestindo figuras heróicas, seguindo modelos, criando modelos, são formas pelas quais classes e grupos sociais se apropriam e ressignificam figuras. Neste sentido, Mircea Eliade faz uma análise sobre os super-heróis e a ligação destes com o homem da sociedade atual, para tanto usa o exemplo de superman. Ele diz que:

[...] ele é um personagem fantástico, superman, tornou-se extremamente popular graças, sobretudo, a sua dupla identidade: oriundo de um planeta destruído por sua catástrofe, e dotado de poderes prodigiosos, ele vive na terra sob a aparência modesta de jornalista, Clark Kent; Clark se mostra tímido, apagado, dominado por sua colega Miriam Lane. Essa camuflagem humilhante um herói cujos poderes são literalmente ilimitados revive um tema mítico bastante conhecido. Em última análise, o mito do Superman satisfaz as nostalgias secretas do homem moderno que, sabendo-se decaído e limitado, sonha revelar-se em dia um personagem excepcional, um herói (ELIADE, 2006, p.159).

Nos filmes, novelas, livros, entre outros, as sagas heróicas são a todo tempo contadas e recontadas, o que demonstra seu aspecto estruturador da psique. Os desafios do herói representam hoje a luta do desenvolvimento do ego humano frente às forças regressivas do inconsciente.

A mídia, atualmente tem substituído o herói religioso pelo herói consumo, a exemplo dos modelos, das propagandas que ponderam a melhoria da vida familiar a partir de uma máquina de lavar roupas, entre tantos outros objetos. Mas, se por um lado o mundo moderno procura satisfazer todas as necessidades do homem através do consumo, este mesmo consumo o escraviza, torna-se seu único objetivo e, por fim, destrói sua individualidade. O cidadão comum, preocupado em obter todos os produtos da sociedade de massa, torna-se um mero componente na máquina de consumo. E, incapaz de obter satisfação, vê-se impotente, diminuído.

O herói político continua sendo um personagem importante, porém, como visto, às vezes sem perpetuação. Contudo, esse personagem continua sendo mostrado como “salvador da Pátria”, leitor da alma dos pobres, benemér. É com o material simbólico que se dá a naturalização de discursos políticos e se produzem os heróis, é também neste simbolismo que a imagem do político se projeta e, que a sua ação política se legitima. A mídia exerce grande influência nesta construção ou desconstrução do herói político.

Hoje quem mais constrói e destrói mitos e heróis, é, sem dúvida, a mídia. Ela tem poder de persuasão e manipulação. Os mitos sofrem um processo de

adaptação à cultura materialista, de forma a atender as necessidades de uma cultura do espetáculo comercial, onde a imagem para consumo é mitificada e idealizada num pedestal de maravilhas de valor simbólico. Seja uma imagem corporal, nos produtos da moda ou nas inovações tecnológicas, o mito está presente como centro de adoração, em substituição às antigas imagens do sagrado religioso. O mito e o herói tornam-se espetacularização da cultura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa temática procurou mostrar o processo de construção de identidade heróica, bem como, os mitos, os simbolismos, as necessidades e/ou interesses que a envolvem e a sua perpetuação. Partimos do pressuposto de que o ser humano é um ser social, portanto, não age isoladamente, mas no conjunto da sociedade, usufruindo de seu poder sobre o espaço.

O ser humano usa o símbolo como um recurso da mente para memorizar de forma simples e concreta uma realidade complexa e às vezes abstrata, os símbolos despertam emoções e, por esse motivo, tem algumas consequências. Portanto, quanto mais o homem age em função ou como membro da comunidade, tanto mais se conduz por símbolos e deles se necessita.

Os mitos são representações de uma determinada realidade. São construções culturais que evocam a memória e reavivam crenças, além de oferecer modelos de conduta aos homens do presente. Os mitos são também importantes para o funcionamento da sociedade que os criou, porta códigos culturais e a visão de mundo de determinada sociedade em determinado espaço geográfico.

O herói é sempre um modelo, uma entidade na qual encarnam-se valores que não raro, têm como eixo um processo civilizador, isto é, entendido como aquele que traz à uma situação de desordem e anarquia, a possibilidade de administração e organização/manutenção de estruturas favoráveis à vida e relativa harmonia social. sob a aparência de diversão tem uma doutrinação ideológica.

A escolha do herói e sua representação não são inocentes, representa e constitui uma orientação política. Através deles, os criadores do mito estabelecem regras, leis capazes de manter coeso o grupo social. Cada período histórico e cada espaço geográfico a seu modo construiu e venerou seus próprios heróis, que poderiam ser divindades como eram para os primitivos, pessoas ligadas a religião como na Idade Média, seres humanos comuns que por seus atos ou por interesse de algo ou alguém vieram a ser considerados heróis. O fato é que a construção da personalidade do herói foi, ao longo do tempo e do espaço, ajustada aos valores morais e às necessidades emocionais daqueles que os veneram.

Hoje, a mídia é um dos principais criadores de mitos e heróis. Como a mídia é instrumento de uma minoria cujo principal interesse é o consumo de conceitos,

modos de vida, supérfluos, e outros, os heróis atuais são também personagens exemplos como os modelos, os atores e as atrizes. Em relação ao político, mostram os heróis nacionais como aqueles que entendem as necessidades populares e melhoram a vida do povo. Mas o fato é que, se por um lado o homem contemporâneo dessacraliza os deuses e heróis de antes, reforça e fetichiza os mitos da pós-modernidade, o consumo e o estilo de vida de um mundo onde os rituais não giram mais em torno de figuras sagradas, mas de desejos “mundanos” que, ao invés de libertar o homem dos limites da religião, apenas a substituem, aprisionando o espírito humano e submergindo-o em suas próprias ambições.

REFERÊNCIAS

- ABENSOUR, Miguel. **O heroísmo e o enigma do revolucionário**. In Tempo e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia: ciência da sociedade. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.
- BIAR, Marcelo. **Antônio Conselheiro nem santo, nem pecador**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento LTDA, 1997.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1991.
- COELHO, Paulo. **O alquimista**. São Paulo: Planeta do Brasil LTDA, 2006.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.
- CUNHA, Euclides da. **Canudos: diário de uma expedição**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**/Eric Dardel; tradução Werther Holzer, - São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. São Paulo: Martins fontes, 1991.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- FÉLIX, Loiva Otero. **Mitos e heróis: construções de imaginários**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, ano de publicação desconhecido.
- GEMELLI, D. D. Por uma leitura geográfica do Contestado. TERRA LIVRE – N. 51 (2): 255-291, 2018. Disponível em:
<https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/download/1445/1392/4210>
- HAESBERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HUGHES-HALLETT, Luci. **Heróis: salvadores, traidores e super-homens**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

KOTHE, Flávio R. **O Herói**. São Paulo: Ática, 2000.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. São Paulo: Ática, 2003.

MATTA, Roberto da. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco 1997.

MATTA, Roberto da. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

Sack, R.1986. Human Territoriality:its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press.

SCHIMIDT, Mario. **Nova história crítica do Brasil**. São Paulo: Nova Geração, 1992.

SERPA, Angelo. **Por uma geografia dos espaços vividos**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.